

Deonira L. Viganó La Rosa\*

2004

Conceituado professor do Laboratório de Mídia do Instituto de Tecnologia de Massachussets afirma que novas tecnologias prometem mudanças radicais no acompanhamento do estado de saúde de uma pessoa. Refere-se à utilização de conectivos - um relógio de pulso, por exemplo - capazes de detectar um ataque do coração que se aproxima, enviar sinais a um hospital e convocar atendimento imediato.

Mas, o que chama especial atenção é a segunda parte da publicação. Os pacientes que passarão por cirurgias cardíacas terão de responder a duas perguntas: (1) Você tem um(a) cônjuge/amante/confidente? (2) Você faz parte regular de um grupo (igreja, sinagoga, boliche)? Seis meses mais tarde, aqueles que responderam *sim a ambas perguntas* têm chance de sobrevivência *sete vezes maior*. Esses estudos sugerem que *tecnologias conectivas*, que ajudem a ver melhor o que somos e a *compartilhar essa imagem com aqueles próximos de nós*, podem realmente funcionar.

Não convém perder a consciência de que os conectivos que nos avisarão de algum mal cardíaco estarão, pelo mesmo pulso, confidenciando-nos como anda nossa saúde emocional, psicológica e espiritual. Somos um sistema único e quando uma das partes se altera, todo o sistema sofre e se desestrutura.

Quem de nós não lembra o que aprendeu nos bancos escolares sobre os *conectivos ou conjunções aditivas*? São justamente aquelas palavrinhas que estabelecem uma relação de *soma*, *unindo* dois termos ou frases. Por analogia, *unir, juntar, conectar, confiar, agrupar, conversar, confidenciar, aproximar, amar, compartilhar...* são ações que aumentam nossa sobrevivência em sete vezes. Ações que previnem mortes por colapso cardíaco e outras tantas mortes, entendidas em categorias diversas. Mortes precedidas pelas lentas agonias da carência afetiva, da fome, da solidão, do desprezo, da exclusão, do desemprego, do baixo salário.

A prevenção, através dessas ações, é simples? Nem tanto, já que desde os primórdios o homem tem tido dificuldades em relacionar-se com seus semelhantes. Contudo, a afirmação do professor parece suficiente para provocar em nós a decisão de otimizar nossa convivência, diminuindo o estresse dos conflitos, isolamentos e desencontros. E haveria lugar melhor que a família, ou que o grupo de igreja e de vizinhos, para ser um laboratório de experiências conectivas, experiências de partilha? Em particular, quem melhor que seu marido, sua mulher, para ser esse(a) amante/confidente? Temos, dentro de casa, não uma pílula, mas *mega-doses*, ou *gigabytes* de prevenção para a saúde de nosso coração.

Interessante observar que, ainda que apareçam tecnologias inéditas, nunca funcionam isoladas do contexto pessoal, da unidade da pessoa. Há uma relação circular entre tudo o que acontece conosco, por isso, a cura do coração também está na boa educação, na tolerância, no bate-papo, na vivência pacífica e compartilhada entre marido e mulher, e, por extensão, entre todos os irmãos.

*Terapeuta de Casal e Família. Mestre em Psicologia*

*E-mail: [jordeon@orion.ufrgs.br](mailto:jordeon@orion.ufrgs.br)*